Perceções de pais sobre o uso do Facebook pelos filhos de 4-5 anos

Rita Brito
Escola Superior de Educação de Lisboa
Instituto Politécnico de Lisboa
britorita@eselx.ipl.pt

Elisabete Cruz
Instituto de Educação
Universidade de Lisboa
ecruz@ie.ulisboa

***Abstract*—Com este trabalho pretendeu-se compreender e caraterizar as perceções de pais sobre usos e apropriações do Facebook por parte de crianças de 4 e 5 anos, previamente inquiridas numa investigação anterior. Tendo em conta uma metodologia de caráter qualitativo e exploratório, foi aplicado um questionário, de tipo aberto, a trinta e seis pais. Os resultados revelam que os pais concebem que os seus filhos utilizam tecnologias, em casa, de um modo diário. Consideram que as crianças têm poucos conhecimentos, ou nenhuns, sobre o Facebook, pois não o usam e não têm certeza sobre a idade mínima de utilização. No entanto, os seus filhos (entrevistados anteriormente) revelaram que conhecem a rede social, referindo variadas perceções sobre esta.**

Keywords—Facebook; pais; crianças 4-5 anos; perceções

I. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o estudo da utilização das redes sociais tem vindo a aumentar progressivamente, captando quer a atenção de investigadores, professores e educadores de infância, quer o interesse de empresas que procuram conhecer e estar cada vez mais a par dos hábitos dos cidadãos utilizadores deste serviços, procurando saber mais sobre as funcionalidades que valorizam, a frequência com que acedem às redes, o tempo que lhes dedicam, os equipamentos que utilizam e o tipo de informação que publicam nesses espaços virtuais [1]. Paralelamente, a inquietação com a crescente disponibilização e facilidade de acesso através da Internet a conteúdos considerados inadequados, ou mesmo prejudicais ao desenvolvimento físico, mental, espiritual, moral ou social de crianças [2], tem vindo a reforçar o facto de, dada a sua vulnerabilidade, necessitarem de uma atenção especial, destacando-se nesta matéria o apelo à responsabilidade fundamental da família [3].

As mais recentes medidas e políticas de utilização de dados de muitos serviços eletrónicos, como é o caso do Facebook, ao encorajarem vivamente os pais a ensinarem aos seus filhos práticas seguras de utilização da Internet, atestam a preocupação com o fenómeno de acesso a conteúdos inconvenientes, nomeadamente por parte dos menores de idade. No caso particular do Facebook, rede social que aqui nos interessa, são muitas as dúvidas que persistem em relação à idade ideal para a sua utilização. De facto, embora a declaração de direitos e responsabilidades deste serviço proíba a sua utilização a menores de 13 anos de idade ("Não utilizarás o Facebook se tiveres menos de 13 anos"), abundam na Internet comentários e opiniões sobre este tópico, tornando-se evidente que as normas existentes nem sempre são cumpridas, havendo inclusivamente pais que criam uma conta específica para os seus filhos menores de 13 anos.

Esta é também uma das conclusões do estudo desenvolvido nos Estados Unidos [4], atestando que muitos pais acreditam que a idade mínima exigida para a utilização Facebook pode ser contornada. Uma crença que parece estar relacionada quer com o facto de a maioria dos pais não ter percebido que esta exigência é um requisito obrigatório e não uma recomendação, quer com a ideia de que a utilização deste serviço favorece os objetivos educacionais das crianças, permite a comunicação familiar e amplia as interações sociais entre pais e filhos. É, portanto, neste contexto mais amplo que se enquadra o presente trabalho, desenvolvido com o propósito de compreender e caraterizar as perceções de pais sobre usos e apropriações do Facebook por parte de crianças em idade pré-escolar, com 4 e 5 anos de idade, previamente inquiridas sobre as funcionalidades desta rede social, e que viria a revelar uma utilização precoce por parte de um terço da amostra, face à idade mínima exigida, principalmente para jogar, comunicar com familiares, ver fotografias e vídeos [5].

Além desta componente introdutória, o trabalho que aqui se apresenta reserva um espaço dedicado ao seu enquadramento, sistematizando alguns elementos necessários ao aprofundamento do tema que aqui nos ocupa. Prossegue com a descrição detalhada da metodologia adotada para a sua concretização, à qual se segue a apresentação dos principais resultados e as conclusões.

II. ENQUADRAMENTO

A proeminência de meios digitais móveis na vida das pessoas de todas as idades, nomeadamente na vida das crianças ainda mesmo antes de entrarem no ambiente escolar [6] [7] fez emergir novas preocupações no seio da comunidade científica e académica, estacando-se uma atenção crescente à utilização de redes sociais por crianças pequenas. Embora sejam parcos os estudos focados especificamente na temática da utilização de redes sociais por crianças até 6 anos de idade, existem já alguns dados que poderão ajudar-nos a identificar tendências e linhas de análise relevantes para o nosso propósito.

Pegada digital, competências e infância

O estudo pioneiro da AVG Technologies sobre a forma como a Internet afeta o desenvolvimento da infância, realizado com milhares de pais de dez países (EUA, Reino Unido, Canadá, França, Alemanha, Itália, Espanha, República Checa, Austrália, Nova Zelândia), mostrou que o estabelecimento de uma pegada digital ocorre mesmo antes do nascimento, revelando que quase um quarto das crianças (23%) tem os seus exames pré-natais publicados na Internet. A aquisição de uma identidade digital ocorre, em média, por volta dos seis meses de idade. Entre os dois e os cinco anos de idade verificou-se que o desenvolvimento de competências digitais, como usar um rato ou jogar no computador, predomina em relação ao desenvolvimento de competências motoras relacionadas com andar de bicicleta, nadar ou apertar atacadores. Outro dos resultados mais surpreendentes foi o facto de ter sido descoberto que quase metade das crianças com idades entre os seis e os nove anos usa redes sociais [8].

Os números do estudo conduzido em 2012 pela MinorMonitor sobre a utilização do Facebook, corroboram uma utilização prematura na utilização desta rede social, revelando que nos Estados Unidos 38% das crianças que usa o Facebook tem menos de 13 anos de idade. sendo que 4% tem idade inferior a 6 anos, 6% tem 7 ou 8 anos, 9% tem 9 ou 10 anos de idade e 19% tem 11 ou 12 anos de idade. Este estudo revela ainda que, segundo a opinião dos pais inquiridos, 33% das crianças despende menos de uma hora por dia no Facebook, 37,1% dispõe de uma a duas horas por dia e 29,9% está duas horas ou mais por dia nesta rede social. A predação sexual é o tema que mais preocupa os pais em relação à utilização do Facebook por parte dos seus filhos (56%), ao qual se seguem preocupações relacionadas com excesso na partilha de informação (49%), comunicação com estranhos (45%), *cyberbullying* (41%), pornografia (38%), vírus (35%), acesso a conteúdos eróticos (34%), questões de identidade (29%), adição à Internet (28%), fanatismo (25%), drogas (15%) e alcoolismo (14%). Todavia, 17% dos pais inquiridos afirma não monitorizar as atividades que o seu filho realiza no Facebook. A prática de monitorização mais frequente, relatada pela maioria dos pais (51%), é através de login no Facebook, usando as credenciais do filho (username e password). Quase um quarto dos pais (24%) afirma que monitoriza a atividade dos seus filhos no Facebook tornando-se um amigo virtual nesse serviço e uma pequena minoria (8%) refere que pede ao filho que lhe mostre a sua página de perfil [9].

Em 2014, a AVG Technologies inquiriu novamente mais de 6000 pais em todo o mundo sobre os hábitos *online* de seus filhos (Reino Unido, EUA, França, Alemanha, Espanha, República Checa, Austrália, Brasil, Canadá, Nova Zelândia). Entre os resultados obtidos, confirma-se que o "orgulho parental" supera preocupações sobre privacidade *online*, com 30 % dos pais referindo que partilham imagens de ecografias. A registar ainda o aumento da confiança das crianças no uso de tecnologias digitais, verificando-se um incremento de competências digitais, decorrente do uso cada vez mais frequente de smartphones ou tablets, em detrimento das chamadas competências tradicionais, que incluem a realização de atividades físicas como a natação [10].

A Lab42 procurou aprofundar o conhecimento sobre o relacionamento entre pais e filhos no Facebook, explorando como é que os pais comunicam com seus filhos e se eles tinham preocupações sobre as atividades que os seus filhos aí realizavam. A empresa inquiriu 500 pais com contas nesta rede social e concluiu que 92% dos inquiridos são amigos dos seus filhos no Facebook. As interações mais frequentes, referidas pela maioria dos pais, são a escrita no mural e a edição de comentários nas fotografias partilhadas. Apesar disso, 29% dos inquiridos afirma que a visualização do perfil dos seus filhos é limitada. No que respeita às preocupações dos pais, os resultados evidenciam que a maioria acredita que o Facebook constitui uma distração para os trabalhos escolares ou outras atividades (56%), 45% acredita que os filhos acabam por passar menos tempo com os com amigos, 41% pensa que os filhos acabam por conhecer estranhos e 17% manifesta preocupações com práticas de *cyberbullying*. Ainda assim, um número significativo de pais inquiridos (24%) afirma não ter qualquer preocupação a respeito da utilização que os seus filhos fazem do Facebook. Este estudo permitiu ainda conhecer a opinião dos pais sobre o seu nível de proficiência na utilização do Facebook, verificando-se que a maioria acredita ser muito proficiente (63%), 32% acredita ser moderadamente proficiente, referindo que conhece todas as funções básicas. Apenas 5% dos pais inquiridos acredita ser pouco proficiente, reconhecendo que ainda tem muito a aprender [11].

É todavia certo que as percentagens relativas à utilização de redes sociais por crianças pequenas cresçam nos próximos anos, como parece evidenciar o estudo que realizámos recentemente com 33 crianças com 4 e 5 anos de idade [5]. Como foi possível documentar, verificou-se que praticamente um terço das crianças entrevistadas (n=10) afirmou usar o Facebook, através dos perfis dos pais ou familiares, sobretudo para jogar e comunicar com familiares, mas também para ver fotografias, imagens e vídeos. Tratando-se de um assunto controverso, que divide a opinião de especialistas, empresas, crianças, pais e outros agentes da educação sobre a idade recomendável para ter uma conta no Facebook, o que parece mais prudente será não escamotear a realidade, encarando o potencial impacto das redes sociais no desenvolvimento da infância [12].

É neste sentido que, no ponto seguinte, nos debruçaremos sobre as principais estratégias de supervisão parental *online*, documentadas na literatura, e identificaremos recursos de apoio que poderão constituir-se como uma base importante para o desenvolvimento de estratégias e medidas para salvaguardar os direitos das crianças e protegê-las dos riscos da Internet, em casa ou em contextos formais de aprendizagem. Embora muitas das estratégias e recomendações sejam dirigidas a pais ou responsáveis pela formação e educação de crianças dos 9 aos 16 anos de idade, pressupõe-se que estas sejam válidas também para pais de crianças com idades inferiores.

Estratégias de supervisão parental online e recursos de apoio

À medida que a utilização da Web por crianças aumenta, a supervisão é vital de modo a minimizar os riscos negativos associados a esta utilização. Se as crianças podem usufruir e até mesmo desenvolver aspetos cognitivos através do uso da Web, também existem preocupações sobre seu uso sem supervisão e uso inocente deste meio [7]. Por isso, é importante que os adultos assumam a responsabilidade de ensinar, alertar, supervisionar, mediar e proteger as crianças dos perigos associados à utilização da Web.

A investigação relativamente ao tema da mediação parental tem demonstrado que os pais variam as suas estratégias de mediação de acordo com as suas perceções, positivas ou negativas, da utilização das tecnologias pelas crianças. Nikken e Janz [13] relataram que pais de 792 crianças holandesas com idades entre 2 e 12 anos de idade mencionaram ter estado ativamente envolvidos na orientação/uso da Web pelos seus filhos, prestando mais atenção às crianças mais jovens nesta faixa etária. De modo a mediarem a atividade dos seus filhos, os pais mencionaram recorrer primeiramente a uma firewall, um software antivírus, uma extensão no browser para eliminar os pop-up ou um filtro de spam. O segundo método mais utilizado na supervisão dos filhos consistia na visualização das atividades realizadas no computador, colocando-se os pais a uma distância relativamente curta, mas permitindo que a criança tivesse a sua própria liberdade nesta utilização. A utilização conjunta, onde o pai, a mãe e a criança estavam juntos *online* correspondia à terceira medida utilizada para supervisão, seguida da mediação ativa, onde os pais explicavam à criança como agir com segurança na Web. A mediação restritiva, bloqueando o acesso a conteúdos *online,* era a estratégia menos habitual.

No estudo EU Kids Online [11], onde participaram crianças de 9-16 anos de idade de vários países europeus, constatou-se que a maioria dos pais fala com os seus filhos sobre o que eles fazem *online* (70%), sendo este o modo mais popular de mediação relativamente à utilização da Web pelas crianças. O segundo método de mediação mais popular é estar perto das crianças durante a sua utilização da Web (58%) (idem). Neste mesmo estudo verificou-se também que os pais conversam com os filhos, explicando o porquê de alguns sites serem bons ou maus (68%), e ajudam-nos quando algo é difícil de realizar ou de encontrar (66%), mostrando-lhes como usar a Web com segurança (63%).

Para além da mediação realizada pelos pais, num estudo realizado na Estónia [14] constatou-se que os pais delegavam o seu papel de mediadores para os irmãos mais velhos.

III. Metodologia

Como referimos inicialmente, este estudo constitui parte integrante de uma investigação em curso sobre o uso de redes sociais por crianças em idade pré-escolar. O seu objetivo é compreender e caraterizar as perceções de pais sobre usos e apropriações do Facebook por crianças com 4 e 5 anos de idade. No quadro de uma abordagem metodológica de caráter qualitativo, do tipo exploratório, foi aplicado um questionário a trinta e seis (36) pais de crianças previamente inquiridas em estudo anterior com a pretensão de se analisar e caracterizar as suas perceções sobre o que se pode fazer no Facebook [5].

A versão final do questionário, elaborado especificamente para este estudo, depois de devidamente discutida e validada com dois especialistas da área de tecnologias educativas, foi organizada em cinco secções com um total de dezoito (18) questões abertas, através das quais se pretendia especificamente: I) recolher dados para caracterizar o perfil dos inquiridos, incluindo o tipo de utilização que pais fazem do Facebook; II) compreender o que pensam os pais sobre o tipo, o modo e a frequência de utilização de dispositivos eletrónicos por parte dos seus filhos; III) caracterizar as perceções dos pais sobre as ideias e conhecimentos que os seus filhos possuem em relação ao Facebook; IV) averiguar o conhecimento dos pais sobre termos e políticas de uso do Facebook; e, por último, V) conhecer o que pensam os inquiridos sobre iniciativas de formação para a utilização segura do Facebook dirigidas aos pais.

Depois de obtida a devida autorização para a realização deste estudo junto das direções de duas instituições da rede de ensino portuguesa, no âmbito da educação pré-escolar, a recolha de dados realizou-se no início do ano letivo de 2013/2014 [5]. Os questionários foram entregues aos pais aquando da sua chegada à sala dos seus filhos, nos contextos estudados. Alguns pais preencheram o questionário no momento da entrega, outros optaram por levá-lo consigo e entregá-lo mais tarde.

No que respeita à organização e análise de dados, foram utilizadas técnicas de análise de conteúdo com recurso a procedimentos de natureza indutiva, isto é, sem fazer uso de categorias apriorísticas [15] [16]. Optámos por seguir as indicações do autor [17] para a categorização dos dados, recorrendo-se primeiramente à técnica de isolamento de "unidades de significação" e, posteriormente, à técnica de "classificação" que se consiste no reagrupamento das unidades previamente isoladas em categorias. O envolvimento de dois investigadores neste processo permitiu assegurar a fiabilidade do procedimento e, ao mesmo tempo, garantir que as categorias emergentes dos dados fossem formuladas sem ambiguidade, chegando-se a uma versão consensual do sistema de categorização emergente após três revisões.

IV. Resultados

Perfil dos inquiridos

O estudo realizado envolveu a participação de 36 pais de crianças em idade pré-escolar, sendo a maioria do sexo feminino (55,6%) e com 30 a 35 anos de idade (55,6%). Apenas quatro inquiridos referiram não ter uma conta no Facebook (11,1%), havendo indícios de que os pais utilizam mais este serviço (33,3%) do que as mães (27,8%).

De acordo com os resultados do Quadro 1, praticamente todos os pais afirmam que as suas crianças usam dispositivos

eletrónicos (91,7%), nomeadamente computador (69,4%), tablet (61,1%) e telemóvel/ smartphone (41,7%).

Quadro 1. Uso e controlo parental de dispositivos eletrónicos (N=36).

1. Que dispositivos eletrónicos o seu filho usa?	N	%
Usa	*33*	*91,7%*
Computador	25	69,4%
Tablet	22	61,1%
Telemóvel / smartphone	15	41,7%
Não usa	*3*	*8,3%*
2. Durante quanto tempo o seu filho usa o(s) dispositivo(s)?	N	%
Esporadicamente	6	16,7%
Semanalmente	5	13,9%
10 a 15 minutos por dia	6	16,7%
15 a 30 minutos por dia	11	30,6%
45 minutos a 1 hora por dia	4	11,1%
4 a 5 horas por dia	1	2,8%
Não usa (cf. questão 1, Quadro 2)	*3*	*8,3%*
3. Em que divisão da casa o seu filho usa o(s) dispositivo(s)?*	N	%
Sala	30	83,3%
Quarto	1	2,8%
Cozinha	1	2,8%
Outro local (no carro, na rua)	2	5,6%
Não usa (cf. questão 1, Quadro 2)	*3*	*8,3%*
4. Usa sozinho ou acompanhado?	N	%
Acompanhado por familiars	29	80,6%
Ora sozinho, ora acompanhado	4	11,1%
Não usa (cf. questão 1, Quadro 2)	*3*	*8,3%*
5. Que tipo de atividades o seu filho realiza no(s) dispositivo(s)?*	N	%
Jogar	29	80,6%
Ouvir música	10	27,8%
Ver vídeos	9	25,0%
Ver fotos	1	2,8%
Explorar software	1	2,8%
Não usa (cf. questão 1, Quadro 2)	*3*	*8,3%*
6. Esses dispositivos têm algum tipo de controlo parental?	N	%
Sim	20	55,6%
Não	13	36,1%
Não usa (cf. questão 1, Quadro 2)	*3*	*8,3%*

Nota: nas questões 3 e 5, assinaladas com asterisco (*), o somatório das frequências de resposta indicado é superior a 36 porque há casos em que foi indicado mais do que uma categoria.

Seguindo a perceção dos pais que têm filhos que usam os dispositivos supramencionados (n=33), os resultados apontam para uma grande variabilidade no que respeita ao tempo despendido pelas crianças no uso destes equipamentos, oscilando entre o "esporadicamente" (16,7%) e um uso de "4 a 5 horas por dia" (2,8%). Merece destaque a referência a uma utilização de "15 a 30 minutos por dia" (30,6%). A divisão da casa onde as crianças mais utilizam estes dispositivos é na sala (83,3%), tendo sido referidos outros locais como o quarto das crianças (2,8%) e a cozinha (2,8%). Aquando da utilização destes dispositivos, 80,6% dos pais afirma que os seus filhos fazem-no "acompanhado por familiares", referindo em particular a presença do pai, da mãe ou de um irmão mais velho. Há também crianças que fazem esta utilização "ora sozinhas, ora acompanhadas", embora numa percentagem menor (11,1%).

No que concerne ao tipo de atividades realizadas nesses dispositivos, a maioria dos pais afirma que os seus filhos utiliza-os para "jogar" (80,6%), preocupando-se que estes "sejam jogos… mais vocacionados para a resolução de problemas e treino de memória". Além dos jogos, as crianças utilizam estes dispositivos também para "ouvir música" (27,8%), "ver vídeos" (25,0%) e, menos frequentemente, para "ver fotos" (2,8%) e "explorar software" (2,8%). Embora a maioria dos pais afirme que os dispositivos utilizados pelos seus filhos têm algum tipo de controlo parental (55,6%), há uma percentagem significativa de inquiridos que refere não monitorizar/supervisionar o uso desses dispositivos através de qualquer tipo de controlo parental (36,1%), parecendo predominar a crença de que o facto de as crianças "não saber[em] utilizar os dispositivos sem a ajuda do pai ou da mãe" ou de estarem acompanhadas, enquanto utilizam o dispositivo, é suficiente para evitar que acedam a páginas e conteúdos não recomendados.

Uso do Facebook pelas crianças

Como revelam os resultados compilados no Quadro 2, a maioria dos pais inquiridos considera que o seu filho não conhece o Facebook (66,7%). Apenas 30,6% refere que o seu filho conhece vagamente esta rede social, admitindo que possivelmente "já ouviu falar".

Quadro 2. Uso do Facebook pelas crianças (N=36).

1. Acha que o seu filho conhece o Facebook?	N	%
Sim (conhece vagamente)	11	30,6%
Não	24	66,7%
Talvez	1	2,8%
2. Acha que o seu filho sabe para que se utiliza o Facebook?	N	%
Sim	4	11,1%
Não	31	86,1%
Casos omissos (não respondentes)	*1*	2,8%
3. O seu filho tem um perfil pessoal no Facebook?	N	%
Não	36	100,0%
4. O seu filho utiliza o Facebook?	N	%
Não	30	83,3%
Sim	4	11,1%
Casos omissos (não respondentes)	*2*	5,6%
5. Onde é que o seu filho utiliza o Facebook?	N	%
Em casa	2	5,6%
No trabalho dos pais	2	5,6%
Casos omissos (não respondentes)	*2*	5,6%
Não usa (cf. questão 4, Quadro 2)	30	83,3%
6. De quem é o perfil de Facebook que o seu filho utiliza?	N	%
Da mãe	3	8,3%
Da mãe e do pai	1	2,8%
Casos omissos (não respondentes)	*2*	5,6%
Não usa (cf. questão 4, Quadro 2)	30	83,3%

Estes resultados mostram ainda que grande maioria dos pais, neste caso 86,1%, acredita que o seu filho não sabe para que se utiliza o Facebook, ignorando completamente o tipo de atividades que se podem realizar nesta rede social. Além disso, a totalidade dos pais inquiridos (100%) refere que o seu filho não tem um perfil pessoal no Facebook. Trata-se, todavia, de uma circunstância que não inviabiliza a sua utilização, havendo 11,1% de pais que refere que o seu filho utiliza esta rede social recorrendo, tendencialmente, à conta/página pessoal da mãe (8,3%).

Segurança e privacidade na utilização do Facebook

Como se pode observar no Quadro 3, a maioria dos pais considera estar a par dos serviços de segurança e de

privacidade do Facebook (66,7%), mais de um quarto dos inquiridos afirma desconhecer tais serviços (27,8%) e uma pequena minoria reconhece estar pouco informado sobre tais questões (5,6%).

Quadro 3. Segurança e privacidade na utilização do Facebook (N=36).

1. Está a par dos serviços de segurança e de privacidade do Facebook?	N	%
Sim	24	66,7%
Não	10	27,8%
Pouco	2	5,6%
2. Sabe configurar a página do Facebook relativamente a questões de segurança?	N	%
Sim	24	66,7%
Não	11	30,6%
Mais ou menos	1	2,8%
3. Tem conhecimento de que há uma idade mínima a utilização do Facebook?	N	%
Sim	20	55,6%
Não	16	44,4%
4. Qual a idade?	N	%
12 anos	2	5,6%
13 anos	4	11,1%
15 anos	1	2,8%
16 anos	3	8,3%
18 anos	4	11,1%
Não sei	15	41,7%
Casos omissos (não respondentes)	7	19,4%

Foram igualmente 66,7% os pais que referiram saber configurar a página do Facebook relativamente a questões de segurança, sendo 30,6% os que referiram não ter esse conhecimento. Questionados sobre a idade mínima instituída para a utilização do Facebook, dos trinta e seis pais inquiridos, são 55,6% os que afirmam possuir esse conhecimento. Todavia, quando incitados a indicar a idade mínima estabelecida para a sua utilização, apenas quatro demonstram possuir esse conhecimento, indicando os 13 anos como a idade mínima para a utilização desta rede social (11,1%). mãe (8,3%).

Formação para a utilização segura do Facebook

Por fim, no que respeita à opinião dos pais inquiridos sobre a possibilidade de terem formação para a utilização segura do Facebook, parece destacar-se um grande interesse nesta matéria. Considerando os resultados que se apresentam no Quadro 4, verifica-se que a formação para 72,2% emerge como uma possibilidade não desprezível, referindo que "devia ser alargada às questões de segurança na utilização de Internet em geral", pois "infelizmente existem muitas pessoas com más intenções e as crianças hoje em dia usam muito o computador".

Quadro 4. Formação para a utilização segura do Facebook (N=36).

1. Devia haver formação para os pais, na escola, relativamente às questões de segurança no Facebook? (N=36)		N	%
Sim		26	72,2%
Não		10	27,8%
1.1 Porquê? (N=36)		N	%
Sim	É importante obter conhecimentos sobre segurança *online*	16	44,4%
	É importante para atualização e de aprofundamento de novos assuntos	7	19,4%
	É necessário saber usar bem as tecnologias de modo a serem uma mais-valia nas aprendizagens das crianças	1	2,8%
	Casos omissos (não respondentes)	*2*	5,6%
Não	Os adultos já devem ter esse conhecimento adquirido	1	2,8%
	A (tenra) idade das crianças ainda não inspira grandes preocupações nesta área	4	11,1%
	Casos omissos (não respondentes)	*5*	13,9%
2. Se houvesse formação, iria frequentar?		N	%
Sim		20	55,6%
Não		10	27,8%
Talvez		6	16,7%

Na opinião deste grupo de inquiridos, também seria importante alertar os pais para os "perigos de invasão da privacidade alheia a que estão sujeitas as pessoas que utilizam [o Facebook]". A este respeito, afirmam que os pais são os primeiros a expor a vida dos próprios filhos no Facebook, nomeadamente "através de fotos, locais que frequentam, rotinas, informações sobre a criança, que podem ser utilizadas por indivíduos com más intenções. Logo, formação sobre segurança é fundamental nos dias de hoje". De um modo mais sistemático, consideram que a formação neste domínio é fundamental, basicamente, porque "é importante obter conhecimentos sobre segurança online" (44,4%).

Além disso, a formação também é encarada como uma estratégia muito importante "para atualização e aprofundamento de novos assuntos" (19,4%), assim como para responder à necessidade de "saber usar bem as tecnologias de modo a serem uma mais-valia nas aprendizagens das crianças" (2,8%). Não obstante, para mais de um quarto dos inquiridos (27,8%), essa formação não parece fazer muito sentido, acreditando que "a (tenra) idade das crianças ainda não inspira grandes preocupações nesta área" (11,1%) ou que "os adultos já devem ter esse conhecimento adquirido" (2,8%).

Questionados sobre se houvesse formação, a frequentariam, todos os pais responderam, sendo que 55,6% afirmaram "sim", 27,8% "não" e 16,7% "talvez". Os pais que afirmaram que frequentariam essa formação valorizam o facto de poder beneficiar de "mais conhecimentos em relação à segurança e outras questões de interesse". Existe, porém, uma ressalva que diz respeito à disponibilidade dos pais, pois referem que estão interessados na formação "desde que tivesse horário acessível". Os 27,8% dos pais que descartam essa formação, afirmando não a frequentar, justificam a sua posição ora dizendo que "não tenho tempo para poder ir", ora afiançando que os assuntos em apreço "são coisas básicas que aprendo diariamente".

CONCLUSÕES

O presente estudo teve como objeto de análise as perceções de pais sobre usos e apropriações do Facebook por parte de crianças em idade pré-escolar. Face aos dados recolhidos e analisados, pode afirmar-se em primeiro lugar que hoje, como tem vindo a revelar a investigação, as crianças têm cada vez mais ao seu dispor equipamentos e dispositivos eletrónicos variados [7]. Em concreto, este estudo mostrou que são muito poucas as crianças com 4-5 anos que, de acordo

com a opinião dos inquiridos, não usam qualquer equipamento, verificando-se que a maioria usa computador e tablet e muitos fazem já um uso assinalável do telemóvel dos pais, tendencialmente em casa, na sala, durante 15 a 20 minutos por dia.

Praticamente metade dos pais afirmou que os dispositivos usados pelos seus filhos têm controlo parental. Todavia, não foi indicado o tipo ou o sistema de controlo de segurança familiar a que recorrem para controlar os conteúdos a que as crianças acedem, bloquear/restringir jogos e aplicações ou simplesmente limitar o tempo de utilização. Além disso, uma grande percentagem dos pais inquiridos admitiu que os dispositivos não têm qualquer tipo de controlo parental, alegando que não é necessário porque, segundo a opinião de alguns, os seus filhos ainda não sabem utilizar os dispositivos sem ajuda de um adulto. Facto que, num certo sentido, corrobora que a tese de que a maioria dos pais, embora preocupada com a segurança *online* de seus filhos, demostra um grande desconhecimento no âmbito da proteção ativa e segura *online,* admitindo que nunca ativou o software de controlo parental já instalado nos seus dispositivos [18].

A maioria dos pais inquiridos assume-se como conhecedor dos termos do Facebook no que respeita, em particular, ao registo e segurança da conta. Todavia, como sugerem os resultados a que chegámos, parece evidente que são poucos os pais que sabem que este serviço não pode ser utilizado por pessoas com idade inferior a 13 anos (apenas 4 em 36). Esta circunstância, tal como sugere o estudo da referência [4], leva a que os pais violem as regras estabelecidas para a utilização deste serviço, muitas vezes de forma não intencional. Trata-se de uma questão-chave que se encontra no centro dos debates políticos em curso sobre as atividades *online* de crianças, que tem levantando uma série de questões de natureza ética e de responsabilidade legal por violação dos termos de utilização das redes sociais [19] [20] [21].

Quer queiramos, quer não, as tecnologias constituem hoje uma parte fundamental da vida e da realidade das crianças. Desde pequenos que temos de ensina-las a utilizar as tecnologias de um modo seguro, e esses ensinamentos poderão começar justamente pela formação dos pais no âmbito da segurança *online.* De facto, como é sabido, os pais desempenham um papel importante na educação dos seus filhos [22], por isso, poderão ensinar-lhes comportamentos seguros *online*, que poderão permanecer e desenvolver-se ao longo das suas vidas. E como evidencia a revisão realizada, há hoje um conjunto imenso de informação e de recursos que poderá servir de base à criação de módulos de formação e campanhas de conscientização dirigidas aos pais que, como parece evidente, tendem a subestimar as capacidades e o conhecimento das crianças para lidarem com as tecnologias sem qualquer tipo de supervisão ou mediação, pensando equivocadamente que estas, por terem "apenas" 4-5 anos de idade, ainda são muito imaturas para usar os dispositivos sozinhas ou para se confrontarem com situações de risco.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

[1] Marktest Consulting (2014). *Os Portugueses e as Redes Sociais 2014.* Lisboa, Portugal: Grupo Marktest.

[2] Committee of Ministers of The Council of Europe. (2008) *Declaration of the Committee of Ministers on protecting the dignity, security and privacy of children on the Internet*. Disponível em: https://goo.gl/2RXFZJ. Acesso em: 23 Dec. 2105.

[3] UNICEF (2014). *A Convenção sobre os Direitos da Criança*. [s.l.]: Publicações UNICEF. Disponível em: http://goo.gl/nWv11M. Acesso em: 24 Dec. 2105

[4] Boyd, D., Hargittai, E., & Schultz, J. (2011). Why parents help their children lie to Facebook about age: Unintended consequences of the "Children"s Online Privacy Protection Act'. *First Monday*, 16(11).

[5] Autor, Ano (omissão intencional de referência para avaliação cega).

[6] Holloway, D., Green, L., & Livingstone, S. (2013). *Zero to eight. Young children and their internet use*. LSE, London: EU Kids Online.

[7] Chaudron, S. (2015). *Young children (0-8) and digital technology. A qualitative exploratory study across seven countries*. Ispra (VA), Italy: Publications Office of the European Union.

[8] AVG Technologies (2010). *A Look at how Technology Affects us from Birth onwards*. Disponível em: http://goo.gl/qBX1gD. Acesso em: 20 Dec. 2015.

[9] MonorMonitor (2012). *Infographic - Kids`s Safety on Facebook.* Disponível em: http://goo.gl/9qbWkw. Acesso em: 20 Dec. 2015.

[10] AVG (2014). *AVG Digital Diaries 2014*. Disponível em: http://goo.gl/GW5w0r. 2014, Acesso em: 20 Dec. 2015.

[11] LAB42 . *Parental discretion advised*. Disponível em: http://goo.gl/EgZx51. 2011, Acesso em: 20 Dec. 2015.

[12] Hart-Fletcher, R. (2015). *At what age should children have a Facebook account?* 2013, Disponível em http://goo.gl/vr7eok. Acesso em: 20 Dec.

[13] Nikken, P., & Jansz, J. (2011). Parental mediation of young children's Internet use. *In*: *Paper presented at the EU Kids Online Conference*. London: Department of Media and Communications, London School of Economics & Political Science, p. 1–26.

[14] Siibak, A., Vinter, K. (2012). The role of significant others in guiding pre-school children's new media usage: analysing perceptions by Estonian children and parents. In: Mikk, J., Luik, P., Veisson, M. (Eds.). *Preschool and Primary Education*. London: Peter Lang, p. 78–94.

[15] Prasad, D. (2008). Content Analysis. A method in Social Science Research. In: Lal Das, D. K., Bhaskaran, V. (Eds.). *Research methods for Social Work*. New Delhi: Rawat, p. 173–193.

[16] Treadwell, D. (2014). Content Analysis. Understanding Text and Image in Numbers. *In*: *Introducing Communication Research. Paths of Inquiry*. Second Edi. Los Angeles, London, New Delhi, Singapore, Washington DC: SAGE Publications, Inc., p. 215–232.

[17] Bardin, L. (2004). *Análise de conteúdo*. 3ª. ed. Lisboa: Edições 70.

[18] Skinner, C.-A. (2015). *Most parents ignore parental controls for kids*. 2009, Disponível em: http://goo.gl/ufq8LP. Acesso em: 15 Dec. 2015.

[19] Heussner, K. M. (2011). *Underage Facebook members: 7.5 million users under age 13*. ABC News. 2011. Disponível em: http://goo.gl/GD389N. Acesso em: 15 Dec. 2015.

[20] Rochman, B. (2011). *Should Kids Under 13 Be on Facebook?* Disponível em: http://goo.gl/w1idZ. Acesso em: 15 Dec. 2015.

[21] Cohen, D. (2013). *5 Reasons Why Kids Under 13 Shouldn't Be On Facebook*. Social Times. Disponível em: http://goo.gl/5uuel9. Acesso em: 15 Dec. 2015.

[22] Livingstone, S., & Haddon, L. (2009). *Kids online: opportunities and risks for children*. UK: The Policy Press, Univesity of Bristol.